

PORTFÓLIO AMANDA MENEZES

Alguns poemas:

1. Tardes de abril

Para Mauro e Gabriella.

Vai lá, brinca, corre
Se entrega ao mundo, coração
Deixa o medo no porão
E tenta ver se escorre

Calar é mais fácil
Mas pode ser tortura
Brinca na lua pura
Lança ao mar o artil

Só não esqueça da candura
Daquelas tardes de abril
Onde todo e qualquer civil
Fez do cravo armadura

2. “Óculos”

Para Joana Darc e Leila Maria

Óculos
Chapéu
Bolsa
Mulher
Mulher?
Mulher.
Mulher por debaixo de óculos, chapéu e bolsa.
Mulher por cima de falta de esperança.
Mulher que não espera e, por isso, alcança.

3. A janela do jeito

O jeito abre uma janela
A força não

4. Vermelho

Vermelho é a cor do sangue
E a cor de seu coração

Que bate, sangra e pulsa
Recheado de pura emoção

Emoção que transborda dos olhos
E que escorre pelas mãos
Semeando inúmeros campos
Fazendo a flor do botão

Como pode tão bela
Ser a mulher que vejo?
Como pode transitar
Pelo fogo do desejo?

Trânsito esse que faz
Sem perder o afeto
E, da flor que abriu,
O perfume mais certo

Alguns contos:

1. Domingo

Era um belo domingo de sol, desses que parecem um convite à praia ou ao parque, desses que parecem domingo. Toda a atmosfera convergia para que se abrissem janelas e portas e para que, destas últimas, saíssem pernas e patas.

A jovem mulher, que se via na calçada, segurando uma coleira, que se encontrava presa a um cachorrinho peludo, de cor clara, quase branca, parecia ter recebido e aceitado tal convite. Com suas roupas confortáveis, short e camiseta leves, ela atendia a uma das atividades sugeridas pelo dia: um passeio com seu animal de estimação.

O belo cão, pequenino e esperto, esquadrihava o chão com o focinho, movendo-se pela amplitude da calçada tanto quanto permitia o comprimento de sua coleira. Ele gostaria que sua dona andasse mais e mais, que desbravasse a imensidão de asfalto e concreto que se estendia naquela avenida. No entanto, ela permanecia parada, impedindo-o de realizar o seu intento.

Para tal falta de atitude, o cãozinho pensava que, como impedimento, havia uma grande quantidade de latas de aço barulhentas, que se chamavam carros, como ele ouvia as pessoas dizerem. É, provavelmente, era por causa dos carros que sua dona não avançava. Contentou-se, então, com o pequeno pedaço de chão que tinha ao seu dispor.

Um pouco acima do rés do chão, a cabeça da mulher avançava em pensamentos vários e muito mais distantes da concretude do espaço físico que a rodeava do que os do cão. Ela também queria avançar, ir além dos limites que iam se desenhando à sua frente. Porém, o seu desejo de avanço tinha ares mais abstratos. A dona do pequeno animal viajava em memórias e reflexões tantas e tão profundas que parecia esquecer onde estava e o que fazia.

Seu olhar, voltado para os carros que passavam na pista, era desfocado, distante e, ao mesmo tempo, parecia buscar algo entre os automóveis, analisando o seu movimento. Vez ou outra, ela dava algum passo, movendo-se na calçada para acompanhar o caminhar do cachorrinho. Dona e cão, proprietária e propriedade ou seriam tão próximos como dois irmãos?

Uma puxada mais forte na coleira acordou a mulher de seus devaneios. O cachorro cansara do pedaço de chão, queria voltar à cerâmica confortável de casa.

Ela, então, voltou a andar lado a lado com seu pequeno companheiro.

2. Moça-mulher-sabida

O cabelo liso era curto e negro, como os seus olhos. O rosto tinha traços finos. O nariz se estendia como um verdadeiro risco no centro de sua face, descendo numa elegância suave. Os lábios também eram finos riscos, de cor vermelho-claro ou qualquer coisa perto do nude. As sobrancelhas eram desenhadas finas por sobre os olhos, harmonizadas com os outros traços do rosto. Me perguntei como seriam as originais...

O nariz pontudo era um traço sedutor, envolvente, bem como os olhos da moça. No entanto, sob os belos olhos, haviam olheiras. Essas não eram traços, mas pequenas manchas escuras que ocupavam o espaço do canto entre os olhos e o nariz, o belo nariz, e estendiam-se no perímetro de pele, sob os olhos, que ia em direção às laterais da face. Sua pele era de cor clara, levemente corada, um pouco parda. No braço esquerdo, uma bela tatuagem, uma rosa e seu ramo, embelezava ainda mais essa pele.

A voz da bela e jovem mulher era suavemente grave e rouca. Era uma voz interessante de ouvir. Seu sotaque denotava o seu estrangeirismo quanto à região do país em que nos encontrávamos. De comentários sérios, a moça-bela se demonstrava rígida nas pontuações que fazia e, claramente, de muita competência em sua área de atuação.

A moça-mulher, ao abrir a boca, mostrou-se detentora de muito conhecimento teórico e, junto a isso, de todas as consequências advindas do percurso para se adquirir esse conhecimento.

A fineza do nariz escondia a aspereza do saber.

Moça-mulher-sabida.

Algumas crônicas:

1. Nunca termina

Há nove dias, voltei ao campus após dois meses de hiato. De lá pra cá, já aconteceu tanta coisa...

Acho que nenhum de nós (concluintes) imaginou ter dois meses de greve entre o primeiro dia de aula do último ano (oficial) de curso e o diploma.

Já não seremos mais concluintes em 2024, mas, agora, entramos em 2025 com essa capa sobre os ombros.

E eu lembro e esqueço disso.

Hoje, por um acaso, fui lembrada desse fato no meio do caminho entre o CCHLA e o Setor II. Literalmente, no meio do caminho, enquanto atravessava a rua.

Um professor-amigo (ou amigo-professor) vinha descendo a escada, do outro lado da rua, e nos encontramos sobre os paralelepípedos centrais.

Entre um "bom dia!" e um "como vai?", veio a pergunta: "E a turma?"

Respondi que já estávamos no 7º período e, então, veio a conclusão: "Ah, vocês tão terminando, né?"

A minha resposta afirmativa foi para ele, mas também foi para mim.

Sim, nos estamos terminando. E eu sempre repito, mentalmente, em tom de ironia, "terminando", pois sei que, como diria Pessoa, "a única conclusão é morrer".

Mas, sim, estamos terminando o curso.

Em seguida, outra pergunta: "Vai fazer mestrado, né?" E eu sorri.

Sorri porque, de fato, nunca termina.

Sorri também porque essa foi a pergunta mais acadêmica que eu poderia ter ouvido às 8h30min da manhã de uma terça-feira, no meio de uma rua da UFRN, com um copo de café na mão.

No meio do meu caminho tinha um professor, um café, dois meses de greve e um bocado de paralelepípedos...

Ah, mas, pensando bem, chego à conclusão de que, se só tivesse uma pedra, que graça teria?

2. Carreguei o mundo na mão

Os dias andam bastante estranhos e corridos. Mesmo quando não se tem nada pra fazer, há um mundo de coisas acontecendo no plano do pensamento. Em que momento chegamos a isso?

O engarrafamento faz pensar, mas também irrita. O ônibus cheio nos mostra que há muitos como nós. Os carros que passam ao lado são fechados em si mesmos e, por isso, também sofrem. Motos e bicicletas e caminhões.

Pessoas. Crianças, adolescentes, adultos e idosos. Homens e mulheres. E todos os outros que fogem ao padrão.

O sinal vermelho não indica só uma parada, indica também um alerta.

As sirenes da vida já alarmam há tempos. Apitos são ouvidos, vindos de algum lugar não tão distante.

Pessoas sobem e descem e vão e vêm, mas nunca veem, de fato.

Será que nós vemos? Nos vemos? E ao outro?

O grande desafio do agora é ser presente e estar aqui. Com ou sem grandes esperanças, mas com pequenas atitudes.

Esperar é agir, também. E talvez.

Tempo, espaço, energia. O mundo é hoje aqui agora. O mundo é amanhã. E ontem.

O mundo também é um copo de café. E, portanto, de vez em quando, a gente carrega o mundo na mão.